



## ROBERT BURTON E A ATEMPORALIDADE HISTÓRICA COMO PROPOSTA UTÓPICA

Juliana de Oliveira Lopes  
Unicamp

**Resumo:** *Democritus to the Reader*, o texto que abre *The Anatomy of Melancholy* (1621) de Robert Burton (1577-1640) é o objeto de atenção desta pesquisa que tem por principal foco o estudo da utopia como gênero literário – um suposto gênero cunhado por Thomas More com sua *Utopia*. *Democritus to the Reader* é a introdução de um denso tratado sobre a melancolia, contudo, embora o assunto de *Anatomy of Melancholy* seja a melancolia, não deixa de conter em si um assunto variado, pois o diferencial de Robert Burton foi a *forma de escrever* e não o que escreveu propriamente. Entretanto, pode-se afirmar que esta introdução seja uma utopia? Enveredando-se por este complexo e polissêmico texto de Robert Burton, busca-se algo que revele não o extraordinário como se mitificou ser o período do Renascimento, mas minúcias ocultas que ajudem o pensador contemporâneo ligado às ciências humanas a melhor conhecer seu objeto de estudo: o homem e sua singularidade ao longo do processo histórico que, em suas inúmeras facetas, também proporcionou um gênero literário que instiga e insta o pesquisador constantemente.

**Palavras-chave:** Robert Burton, gênero literário, utopia, Thomas More.

**Abstract:** *Democritus to the reader*, the text that begins the Robert Burton's work, *The Anatomy of Melancholy* (1621) is the focus of this research, in which there is a special interest on to study the utopia like a literary style – actually, a hypothetical literary style invented by Thomas More since his *Utopia*. Although *Democritus to the Reader* introduces a elaborated treatise about melancholy, this is not the only one subject, because what differentiated Burton among others was his *writing way* and not what he wrote properly. However, may we assert this introduction is an utopia? Meandering through this complex and polysemic text of Robert Burton, the research seeks something not extraordinary – just like Renaissance was mythicized, but seeks particulars information that help the contemporaneous thinker pertained to human sciences to understand and reach his aim: the man and his singularity on History that inside many facets showed us a literary style that instigates and urges the researcher insistently.

**Keywords:** Robert Burton, literary style, utopia, Thomas More.

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

*para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia  
(II Pedro 3.8)*

Em 1516, o então chanceler da Inglaterra que vivia sob a da dinastia Tudor, Thomas More – católico convicto – resolve, de modo deliberado, consciente e, sobretudo, metafórico, excetuar-se de seu tempo, de seu lugar – uma Inglaterra eminentemente protestante, mais por questões políticas do que teológicas – e, a partir de um olhar observador, habitar um *não-lugar*, um *topos* imaginário que também será *a-histórico* e, avesso ao que vive em sua realidade, perfeito. Thomas More toma de assalto o livre-arbítrio contido em sua fé cristã e, na contramão do direcionamento político-religioso de seu país, escolhe julgar a Inglaterra a partir de sua própria errância rumo à idealização da retidão inexorável. Thomas More cria, portanto, a *Utopia*, este lugar perfeito inexistente, mas que deveria existir. Pensando e moldando a sociedade, ele a organiza racionalmente; uma solução minuciosamente planejada é apresentada em forma de romance.

Armando um raciocínio humanista em que o homem é capaz de escrever sua própria história, pois é produto desta, a questão a ser tratada aqui é o artifício utilizado na utopia – que se configura num gênero literário doravante – de negação da intervenção dessa mesma história na vida do indivíduo, ou seja, como a *atemporalidade histórica* torna-se uma peça fundamental para fazer funcionar a proposta utópica.

Levando em conta, primeiramente, que um texto utópico é polissêmico a ponto de congregar em si elementos de um tratado político, filosófico e até mesmo, por vezes, teológico, inicio minha análise no elemento comum que leva um utopista a começar a escrever: o diagnóstico de sua sociedade. Com uma observância acurada de seu ambiente social (que o incomoda), o utopista parte rumo à uma investida de desconstrução das estruturas de um mundo que lhe é estranho. Portanto, minha argumentação será baseada na idéia de um utopista melancólico e estranho, como aquele que não se familiariza e, ao mesmo tempo, é o que tem a argúcia de um olhar marginal. E, como referência, tomo, principalmente, a obra *Anatomy of Melancholy* (1621) de Robert Burton.

Em um contexto hodierno, melancolia, não raro, é um conceito clínico, um diagnóstico médico que a aponta como uma enfermidade mental ligada a sintomas como ansiedade, depressão, fadiga etc. Entretanto, melancolia sofreu um desenrolar ao longo da

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

história que escapa a uma definição unívoca. Desta forma, configurou-se num conceito histórico entrelaçado a outros, como, por exemplo, a nostalgia – esta que é fortemente presente na literatura romântica européia setecentista e oitocentista. A melancolia romântica caracterizou-se, sobretudo, por uma tristeza incomensurável e perene com o presente e um descontentamento com seu *locus* social. O indivíduo melancólico nostálgico do XVIII e XIX será introspectivo e, conseqüentemente, deslocado socialmente. Desejando uma volta a um suposto passado sem os dissabores de sua contemporaneidade, a nostalgia é um fator complicador por dificultar o percorrer do trajeto da distância temporal. Não é por acaso, portanto, que os romances do período serão permeados de artifícios estilísticos de escapismo da realidade e necessidade de volta a uma era perdida. Para o cumprimento de tal revivalismo a ferramenta utilizada é a memória; contudo, pelo viés da interpretação platônica em que aquele que lembra é afetado por aquilo que lembra, logo, a memória torna-se um *pathos*, conseguindo assim uma dolorosa representação da ausência. Por ser este sujeito nostálgico e melancólico, Lukács, em *A Teoria do Romance*, o denuncia como um lamentador inoperante – pois a melancolia, uma vez não desconexa da nostalgia, causa uma sensação de inviabilidade de volta na linearidade temporal. Neste sentido, a ligação memória-nostalgia somente funciona quando da percepção de que lembrar o passado traz felicidade por quebrar a linha do tempo e provocar no homem a sensação de imortalidade. Esta que foi a estratégia tão bem formulada na narrativa de Proust no seu *Em Busca do Tempo Perdido* em que as trivialidades lembradas pelo narrador, embora nem sempre alegres, tampouco estrondosas, o ajudam a fugir da finitude da vida.

Já na teoria estética de Kant, o melancólico aparecerá como aquele que deseja sensações sublimes a efemeridade do belo (convencional). É aquele que não se importa com as opiniões alheias, sendo desta forma um desajustado que desafia um destino que faz parte da essência humana, como apregoava a filosofia epicurista. O melancólico, portanto, passa a ser um possuidor de um ideal de liberdade, e as cadeias que outrora o atavam simbolizam os grilhões que aborrecem os homens livres. Desta forma, configurar-se-ia o momento oportuno para parar o relógio a pedradas como conclama Walter Benjamin em sua XV tese sobre a história. A irrevogabilidade do destino alcançaria uma margem de manobra para que os homens pudessem escrever sua própria história em meio a seu estranhamento em relação a sua sociedade.

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

Talvez o termo mais adequado para entender o melancólico pré-freudiano seja *desajuste*. O desajustado luta contra seu derredor – ele se excetua. Esta que é uma idéia que não foge também à concepção grega de melancolia. Aristóteles, por exemplo, no seu *Problema XXX* questiona por que *todo* homem de exceção é melancólico – por exceção entende-se o que o mesmo explanou na sua *Metafísica*: os que se excelem no saber poético. Entrementes, não se pode esquecer que por volta do ano de 400 a.C. a melancolia é uma condição humana determinada pela doutrina dos quatro humores e aqueles que eram dominados pela bÍlis negra padeciam de melancolia. Isidoro afirmava que os sãos eram governados pelos quatro humores, enquanto os enfermos sofriam a causa deles.

Atentar para a doutrina dos quatro humores é salutar na medida em que a idéia de que o homem é habitado por tais determinações humoralísticas – que lhe são inerentes – pode acolher, dar abrigo a estas disposições fisiológicas; em outras palavras: o homem corre o risco de criar um hábito em ter um humor ao qual, naturalmente, é mais desprotegido. Em fins da Idade Média, por exemplo, este é um assunto que abarcará implicações políticas. No século XV, Nicolau de Cusa chama a atenção, em seu texto para o Concílio de Basiléia (1433), que da melancolia pode vir a se desdobrar a avareza – esta que originaria várias outras pestilências do corpo como a usura, a fraude, o engano, o roubo, a cobiça. A melancolia seria, então, um humor ao qual o príncipe deveria estar atento, evidentemente. Não é por acaso que a *Melancolia I* (1514) de Dürer não escapa a essa tradição filosófica e a interpretação que associa o melancólico ao poder e riqueza permanece, até porque a presença da escarcela e das chaves – supostamente para abrir um cofre – denuncia essa idéia, além de haver uma herança cultural astrológica em que os melancólicos são filhos de Saturno – o planeta mais poderoso que governa sobre todos os outros.

Pensando a história com uma linearidade temporal, somente no mundo pós-medieval que à melancolia é atribuído um caráter subjetivo. Todavia, no Renascimento, a concepção ática de melancolia ainda aparecerá como uma condição humana. Robert Burton, ainda herdeiro da escolástica medieval, na obra *The Anatomy of Melancholy*, argumenta ser a melancolia inerente a quem tem o caráter da mortalidade – uma idéia associada ao pesar cristão da queda do homem que doravante é separado de seu criador, sendo que o único alento é reconhecer sua pequenez ante Deus para que não sofra a condenação – no caso explanado por Burton com a figuração da loucura. Entretanto, esta melancolia seria um disposição transitória, ou seja, enquanto se vive na Terra – o mundo do pecado, no qual não

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

foi ainda alcançado o Paraíso. A partir daqui, pode-se pensar na melancolia como um estado de ânimo circunstancial, e embora perdurando como uma idéia de enfermidade, já que está ligada à loucura, ganha, na Renascença, uma conotação lírica. *Il Penseroso* de John Milton, por exemplo, é uma celebração da melancolia e, ao mesmo tempo, o retrato de um melancólico que é contemplativo e saturnino: *Hail, divinest Melancholy!... Thee bright-haired Vesta long of yore/ To solitary Saturn bore*. Hamlet, o personagem-título melancólico de Shakespeare enreda-se como alguém que sofre de distúrbios mentais tais quais são apresentados por Timothy Bright em seu *Treatise of Melancholie* (1586). A estreiteza entre melancolia e poesia esboça a perda de seu significado tradicional, por assim dizer, e por volta do século XVIII o que era uma maldição divina desde o mundo dito pagão, eleva-se de tal modo a atingir o requinte de ser eleita dama de culto – surgem as odes e elegias à melancolia. Keats, ao submergir-se na prodigalidade de versos melancólicos em sua *Ode on Melancholy*, seria um exemplo daquele homem kantiano que busca o sublime – a melancolia romântica desenha-se, dessa forma, como sem limites, ou hiperbólica. No período romântico, portanto, desenrola-se uma idéia de *mérencolier* que, por sua vez, torna-se sinônimo de *attrister*. O *mélancolique* passa a ser a pessoa que experimenta esse sentimento numa determinada circunstância ocasionada. O melancólico, o triste sem causa, pode então resignar-se e pensar sensivelmente o mundo – o que Panofsky chamará de *melancolia branca*, que se configuraria a partir do romantismo de Goethe, ao passo que a morbidez que desemboca na linha gótica seria a *melancolia negra*.

Historicamente, portanto, a melancolia fora um conceito imbricado tanto no viver social coletivo como no individual; ou, parafraseando Allan Poe em seu conto *Um Homem na Multidão*, há espectadores anônimos desajustados que em meio a sua multidão não abdicam do que sempre ansiaram: uma história extraordinária escrita em cada um – e nem sempre a solução foi conseguir beber o cálice amargo do luto à guisa de Freud. E nem sempre se buscou uma solução para a melancolia.

Especificamente em *Anatomy of Melancholy*, a melancolia aparece na obra de Robert Burton como um desejo de volta ao passado como uma espécie de mais um reflexo da Reforma Protestante – afinal, a idéia luterana de reforma nada mais foi do que propor uma volta ao chamado cristianismo primitivo, sem os vícios e desvirtuamentos que Lutero então enxergava – no entanto, a estética burtoniana é mais complexa ao apresentá-lo na medida em que utiliza como caminho um prefácio em forma de utopia.

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

Burton diagnostica uma sociedade enferma, doente, melancólica – uma melancolia condicional ao homem. É sua condição de mortalidade:

Melancolia, o assunto do presente discurso, pode ser tanto uma inclinação ou um hábito. Por inclinação à melancolia, entendemos ser um estado transitório que vem e vai entre efêmeras ocasiões de tristeza, privação, problema, medo, aflição, paixão, ou outro tipo de perturbação mental e descontentamento que desembocam em angústia, aborrecimento, opressão e inquietação do espírito, e variadas formas de oposição ao prazer, jovialidade, alegria, deleite, causando-nos um pertinaz desagrado. Imprópria e equivocadamente chamaremos o melancólico de tedioso, triste, ácido, indolente, mal-humorado, solitário, ou qualquer outro termo que o aponte como um descontente. No entanto, ninguém está livre destas disposições da melancolia, nem estóico, nem sábio, nem o feliz, nem o paciente, o generoso, o religioso, o eclesiástico, ninguém consegue se proteger, nem mesmo o mais sereno dos homens escapará de em algum momento ter essas sensações. Melancolia é, pois, inerente a todo aquele que tem o caráter da mortalidade.<sup>1</sup>

A melancolia, portanto, é uma condição humana e nem mesmo o eclesiástico ou o mais sereno dos homens pode se proteger, pois esta é um caráter do homem mortal, idéia que tem uma derivação de uma outra universalidade: a queda do homem. Burton, imbuído de uma espécie de missão *puritano-literária*, apregoa entre seus leitores o reconhecimento de sua pequenez ante ao Sagrado: “(...) relembremos nossa miserabilidade e vícios, examinemo-nos e humilhemo-nos, busquemos a Deus, e clamemos por sua misericórdia”<sup>2</sup>. Lembrar dos pecados é lembrar de um tempo edênico perdido, ausente. Esta volta a um momento distante prefigurando uma história de tempo circular, tal qual a representação desta figura geométrica faz desta história infinita e, conseqüentemente, com uma dor infinita – é recorrer a esta

---

<sup>1</sup>“(…) Melancholy, the subject of our present discourse, is either in disposition or habit. In disposition, is that transitory melancholy which goes and comes upon every small occasion of sorrow, need, sickness, trouble, fear, grief, passion, or perturbation of the mind, any manner of care, discontent, or thought, which causeth anguish, dullness, heaviness, and vexation of spirit, any ways opposite to pleasure, mirth, joy delight, causing forwardness in us, or a dislike. In which equivocal and improper sense, we call him melancholy that is dull, sad, sour, lumpish, ill-disposed, solitary, any what moved, or displeased. And from these melancholy dispositions, no man living is free, no stoic, none so wise, none so happy, none so patient, so generous, so godly, so divine, that can vindicate himself; so well composed, but more or less, some time or other he feels the smart of it. Melancholy in this sense is the character of mortality”. In: BURTON, Robert. *The Essential of Anatomy of Melancholy*, New York: Dover Publications, 2002, p.15.

<sup>2</sup>“(…) remember our miseries and vanities, examine and humiliate ourselves, seek to God, and call to Him for mercy.” In: BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*, New York: New York Review of Books, 2001, p. 409.

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

memória que Platão nos exorta ser representação da ausência, uma dolorosa representação da ausência.

Se voltar ao passado traz sofrimento, a projeção de um futuro bom não se furta do mesmo dissabor – a espera de um tempo porvir e sua linearidade também faz o homem sofrer. Portanto, pensar a história com um tempo espacializado é pensar um homem que é produto da história, mas que sofre.

Estamos, portanto, diante de um mundo pecador, logo, um mundo melancólico, e é a partir daqui que Robert Burton, diante desta problemática, veste a máscara alegórica de Democritus Junior e escreve seu *prefácio-utopia Democritus to the Reader*. Burton interpreta um personagem-narrador: Democritus Junior, em alusão a Democritus de Abdera, o filósofo grego do riso – aquele que ao ver as vicissitudes da humanidade no teatro chamado vida, ri. Um riso que leva o leitor a encontrar uma ambigüidade característica da ironia, afinal esta galhofa parece conter enrustida um lamento:

Oh sábio Hipócrates, eu rio de tantas coisas, mas rio muito mais quando acontecem coisas ruins, e quando os homens traçam tão maus desígnios. Não há verdade ou justiça entre eles, pois dia após dia pelejam uns contra os outros, o filho contra o pai e a mãe, irmão contra irmão, e todos da mesma família; e tudo isso por riquezas, as quais não terão após a morte. E ainda, não obstante, caluniam e matam uns aos outros, cometem todo tipo de ilegalidade, menosprezam a Deus, aos amigos e a sua terra. São extremamente insensíveis, estimando seus tesouros, alta posição, bens materiais, estes tão bem lavrados, também nada querem exceto falar de si mesmos, odiando quem ousa lhes dirigir a palavra. (...) Elogiam a força e a coragem nas guerras, entretanto são eles próprios conquistados pela luxúria e a cobiça. São, portanto, tão perturbados quanto Thersites era enfermo em seu corpo. E agora penso, ó digníssimo Hipócrates, não podes repreender meu riso ante a tanta loucura, porque nenhum homem zombará de sua própria loucura, mas o que se vê em um, é o que será zombado em um terceiro.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>“(…) O wise Hippocrates, I laugh at such things being done, but much more when no good comes of them, and when they are done so ill purpose. There is no truth or justice found amongst them, for they daily plead one against another, the son against the father and the mother, brother against brother, kindred and friends of same quality; and all this for riches, whereof after death they cannot be possessors. And yet, notwithstanding, they will defame and kill one another, commit all unlawful actions, contemning God and men, friends and country. They make great account of many senseless things, esteeming them as a great part of their treasure, statues, pictures and such-like movables, dear-bought, and so cunningly wrought, as nothing but speech wanteth in them, and yet they hate living persons speaking to them. (...) They commend courage and strength in wars, and let themselves be conquered by lust and avarice; they are, in brief, as disordered in their minds as Thersites was in his body. And now, methinks, O most worthy Hippocrates, you should not reprehend my laughing, perceiving so many fooleries in men; for no man will mock his own folly, but that which he seeth in a second, and so they

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

Esta forma de alegoria na escrita parece formar um construto lingüístico que, na tentativa de obter uma multiplicidade de sintagmas num mesmo texto, abarcará elementos da metáfora, enigmas, ironia e sarcasmo<sup>4</sup>. Encontra-se também no texto burtoniano o elemento da sátira que, como explana John N. King<sup>5</sup>, não corresponde a nenhum gênero em particular, todavia tem um aspecto no que é sugestivo fazendo com que este traço distintivo deste tipo literário encontre abrigo nos âmbitos político, social e religioso. E é, pois, com essa habilidade na escrita que Robert Burton cria uma utopia fictícia. É nesta utopia dentro de outra utopia que Robert Burton faz sua crítica mais acintosa: a loucura dos homens fez com que estes construíssem mundos imaginários romanceados como propostas de mudança. Assim como Democritus, Democritus Junior ri deste pensamento criando uma ilha, *Terra Australis Incognita*, com todos os elementos tipológicos de uma utopia, com uma meta-geografia *where the laurel is ever green*, com uma meta-história, onde há um monarca de mão forte e conquistador, e sobretudo a felicidade plena: “(...) O que é mais seguro, feliz, jovial, alegre e valorizado no mundo são os príncipes e os grandes homens, livres da melancolia”<sup>6</sup> E Democritus Junior diz, ironicamente, a razão para querer fazer uma utopia:

Eu, portanto, satisfar-me-ei fazendo uma Utopia, uma Nova Atlântida, uma poética Commonwealth, na qual livremente serei um dominador, construirei cidades, farei leis, estátuas, a meu bel-prazer. E por que não? (...) sabeis qual liberdade sempre tiveram os poetas, e além de tudo, meu predecessor Democritus foi um homem público, um oficial de Abdera, um legislador; e por que não posso eu atrever-me como ele? Aventurar-me-ei. Porque o lugar, se precisardes que o diga, ainda não dele resoluto, pode ser *Terra Australis Incognita*<sup>7</sup>

---

justly mock one another.” In: BURTON, Robert. *Democritus to the Reader* in: *The Anatomy of Melancholy*, New York: The New York Review of Books, 2001, p. 49

<sup>4</sup> “(...) what else is your Metaphor but na inversion of sense by transport, your allegory by a duplicity of meaning or dissimulation under covert and dark intendments; one while speakink obscurely and in riddle called Enigma; another by common proverb or adage called Paremia; then by merry scoff called Ironiua; then by bitter taunt called Sarcasmos. In: PUTTENHAM, G. *The Art of English Poesie*, ed. Gladys D. Willcock and Alice Walker, Cambridge: Cambridge University Press, 1936, p. 128.

<sup>5</sup>KING, John N. *Traditions of Complaint and Satire*, in: *A Companion to English Renaissance Literature and Culture*, Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2000, pp. 367-368.

<sup>6</sup>“(...) The most secure, happy, jovial and merry in the world’s esteem are princes and great men, free from melancholy.”in: BURTON, Robert. Op. Cit., pp. 109-110

<sup>7</sup>“(...) I will yet, to satisfy and please myself, make an Utopia of mine own, a New Atlantis, a poetical commonwealth of mine own, on which I will freely domineer, build cities, make laws, statues, as I list myself. And why may I not? (...) you know what liberty poets ever had, and besides, my predecessor Democritus was a politician, a recorder of Abdera, a law-maker, as some say; and why may not I presume so much as he did? Howsoever I will adventure. For the site, if you needs urge me to it, I am not fully resolved, it may be in *Terra Australis Incognita*.” In: BURTON, Robert. Op. Cit., pp. 97-98

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

Sendo o clímax da utopia a crítica a sua sociedade, uma sociedade capitalista nascedoura, dinâmica e na qual as concepções de valor deslocam-se, e todas as experiências tornam-se imediatas, será contundente o bastante para não somente criticar mais uma fórmula pronta de solução de problemas – a utopia – bem como para criar uma outra tanto para satirizar quanto para incitar o leitor a enxergar sua condição de mortal melancólico, não-dinâmico e que deve lamentar essa sua condição e a conseqüente maldição que pesa sobre sua sociedade.

A inquietação reside justamente em entender por que Robert Burton utiliza do gênero utopia em sua exortação sendo que quem deste se vale é o alvo de sua crítica. Ora, se percorrer o tempo significa ter de passar por um espaço que provoca dor, a solução é a suspensão do tempo histórico – alternativa que é oferecida, não raro, pelo estilo de um texto utópico. Mais do que isso, é pensar o tempo fora da concepção humana; é almejar o tempo divino e metaforicamente trasladar-se para o mesmo. Esta seria a maneira de voltar a um tempo perdido sem sofrimento. Esta é uma idéia, seguramente, grega em que este exercício de memória é, neste sentido, incólume porque é uma memória atemporal – do passado, presente e futuro – é a memória do eterno, a *alétheia* – algo que é uma dádiva dos deuses aos mestres da verdade, ou à figura do poeta.

Recorrer ao tempo do eterno, portanto, é aproximar-se de Deus, e é, sobretudo neste momento de culto à razão no período do Renascimento, rebelar-se. Santo Agostinho, certamente parte do patrimônio intelectual de Robert Burton, reflete sobre o que é o tempo:

O que é realmente o tempo? Quem poderia explicá-lo de modo fácil e breve? Quem poderia captar o seu conceito, para exprimi-lo em palavras? (...) Sem dúvida, nós o compreendemos quando dele falamos, e compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. Por conseguinte, o que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; porém se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei. No entanto, posso dizer que não existiria um tempo passado, se nada passasse; e não existiria um tempo futuro, se nada devesse vir; e não haveria o tempo presente se nada existisse. De que modo existem esses dois tempos – passado e futuro, – uma vez que o passado não mais existe e o futuro ainda não existe? E quanto ao presente, se permanecesse sempre presente e não se tornasse passado, não seria mais tempo, mas eternidade. Portanto se o presente, para ser tempo, deve tornar-se passado, como poderemos dizer que existe, uma vez que sua razão de ser é a mesma pela qual deixará de existir? Daí não poderemos falar

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

verdadeiramente da existência do tempo, senão enquanto tende a não existir.<sup>8</sup>

O tempo de Deus não pode ser explicado, não se racionaliza, tal qual não se pode racionalizar uma solução para o mundo perdido e pecador; e se o tempo de Deus é aquele em que um dia é como mil anos e mil anos como um dia<sup>9</sup>, é esta atemporalidade histórica que deve ser buscada pelo homem. O homem, a excelência da criação divina, nas palavras de Pico Della Mirandola, tem a noção atemporal porque *é o intermédio entre o tempo e a eternidade*<sup>10</sup>.

Embora Robert Burton queira destoar (e até mesmo consiga) de seus contemporâneos utopistas ao ponto de satirizá-los – como aparece de modo mais direto em seu texto ao remeter sua ilha imaginária a Nova Atlântida de Francis Bacon – também aproxima-se deles pela forma como critica sua sociedade e, sobretudo, pelo manejo que tem do gênero para persuadir seus leitores quanto a razão dessa miserabilidade inerente e universal que experimenta a humanidade pós-edênica. Burton, portanto, ao criar sua utopia com o personagem-narrador Democritus Junior com ele se identifica, se funde e se confunde, ou articula tanto seu texto que cai em sua própria armadilha textual ao propor uma utopia. Este emaranhado em que o próprio autor acaba enredando-se, deliberadamente ou não, só é possível graças ao artifício alegoria – mais um outro ponto que dificulta o controle da escrita do anglicano Burton, pois a conotação de inteligência divina que possui a alegoria configura-se num problema na medida em que, supostamente, apenas os teólogos entenderão esse sentido místico – algo que, dentro do contexto político da Reforma, foi um dos alvos de Lutero; a linguagem protestante é literal e direta, seja ela nas palavras, seja nos novos templos crus e despídos de formosura em decorrência de sua iconoclastia. A propósito, mais iconoclasta foi Nietzsche ao analisar o protestantismo na Renascença – acontecimento que ele chamou de *transmutação dos valores cristãos*, como se o protestantismo, com uma espécie de amargura sedenta de moralidade, não tivesse entendido o significado cultural pelo qual passava a Europa nos quinhentos:

Um monge alemão, Lutero, veio a Roma. Este monge, com todos os instintos de vingança de um sacerdote infeliz no corpo, rebelou-se em Roma contra a Renascença... em vez de

<sup>8</sup>SANTO AGOSTINHO. *O conceito de tempo*, livro XI in: *Confissões*, São Paulo: Paulus, 2002, pp. 342-343.

<sup>9</sup> II Espístola de São Pedro, capítulo 3, verso 8.

<sup>10</sup>GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA. *Discurso sobre a dignidade do homem*, Lisboa: Edições 70, 2006, p. 53.

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

compreender com a mais profunda gratidão o prodígio que tivera lugar, a superação do Cristianismo na sua sede – o seu ódio soube extrair deste espetáculo apenas o seu alimento. Um homem religioso pensa apenas em si. – Lutero viu a corrupção do Papado, quando justamente devia agarrar com as mãos o contrário: a antiga corrupção, o *peccatum originale*, o Cristianismo já não estava sentado na cadeira do Papa! Mas a vida! Mas o triunfo da vida! Mas o grande sim a todas as coisas elevadas, belas, audazes!... E Lutero restabeleceu a Igreja: atacou-a... O Renascimento, um acontecimento sem sentido, um imenso em vão!<sup>11</sup>

Robert Burton parece estar ciente do caráter ambivalente e polissêmico de seu texto – tanto que sua utopia é demasiadamente irônica e sarcástica. E sendo a alegoria um discurso ornamentado e um procedimento intencional do autor, Burton congrega em seu texto tanto uma *alegoria hermenêutica* – aquela utilizadas pelos teólogos, em que são os detentores da interpretação dos textos sagrados, quanto a *alegoria retórica* – presente nos textos antigos em que há o mimetismo e a representação, a saber, a poesia – dois tipos complementares, embora simetricamente inversos<sup>12</sup>. Portanto, a estética burtoniana fascina simultaneamente por sua riqueza e por desafiar perenemente e em todas as instâncias literárias e políticas a ordem vigente, em que é montado um texto que, esteticamente, é, numa linguagem barthesiana, paradisíaco e sem lugar como eram as propostas utópicas daqueles tempos.

## BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES, *Arte Poética*.

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia – O Problema XXX, 1*, Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

BACON, Francis. *New Atlantis*, New York: Oxford University Press, 1999.

BARTHES, Roland, JAKOBSON, Roman, PICCHIO, Luciana S., COHEN, Jean, RUWET, Nicolas, TODOROV, Tzvetan, KRISTEVA, Julia, BAKHTINE, Mihail, GENETTE, Gérard, MARCUS, Solomon, JANSEN, Steen. *Literatura e Lingüística*, Lisboa: Edições 70, 1968.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*, tradução de J. Guisburg, São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura, Obras Escolhidas, v.1*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Trágico Alemão*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

---

<sup>11</sup>NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo – anátema sobre o cristianismo*, Lisboa: Edições 70, SD, p 106.

<sup>12</sup>Os conceitos de *alegoria hermenêutica* e *alegoria retórica* são melhores trabalhados por João Adolfo Hansen em *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*, São Paulo: Atual, 1986.

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

- BENJAMIN, Walter. *Tese XV* in: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*, São Paulo: Boitempo, 2005.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, n.2, Campinas: Laboratório Gráfico Experimental/Unicamp, 2005.
- BRIGHT, Timothy. *A treatise of melancholie*, Amsterdam: Theatrum Orbis Terrarum; New York: Da Capo Press, 1969.
- BURCKHARDT, Jacob. *A civilização do Renascimento italiano*, Lisboa: Presença, 1983.
- BURTON, Robert. *The Anatomy of Melancholy*, New York: New York Review of Books, 2001.
- BURTON, Robert. *The Essential of Anatomy of Melancholy*, New Yor: Dover Publications, 2002.
- CUSA, Nicolau. *Opera*, Paris, 1514, vol. III, fol. 75v.
- DAVIS, J. C. *Utopia y la Sociedad Ideal – Estudio de la Literatura Utopica Inglesa, 1516-1700*, México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*, Lisboa: Editorial Estampa, 1983.
- DUPONT, Victor. *L’Utopie et le roman dans la littérature anglaise*, Cahors, 1941.
- DU BELLAY, Joachim. *Les Regrets: choix de poemes*, Paris: Larousse, 1969.
- ERASMO de Rotterdam, *Elogio da Loucura*, São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ÉRASME. *Éloge de la Folie; Adages; Colloques; Réflexions sur l’art, l’éducation, la religion, la guerre, la philosophie; Correspondance*, Paris: Éditions Robert Laffont, 1992.
- ÉVRARD, Louis. *L’Utopie ou La Republique Poétique de Robert Burton alias Démocrite Junior extraite de son Anatomy of Melancholy*, Paris: Obsidiane et L’Âge d’Homme, 1992.
- FIRPO, Luigi. *Para uma definição da “Utopia”*, tradução de Carlos Eduardo Ornelas Berriel, in: *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, n. 2, Campinas: Laboratório Gráfico Experimental/Unicamp, 2005.
- FIRPO, Luigi. *Studi sll’utopia*, Firenze: L. S. Olschki, 1977.
- FLETCHER, Angus. *Allegory – The theory of a symbolic mode*, New York: Cornell University Press, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Madness and Civilization: a History of Insanity in the Age of Reason*, New York: Vintage Books, 1967.
- FORTUNATI, Vita. *Utopia and Melancholy: an Intriguing and Secret Relationship*, in: *Revista Morus – Utopia e Renascimento*, n.2, Campinas: Laboratório Gráfico Experimental/Unicamp, 2005.
- FORTUNATI, Vita. *Vite di Utopia*, Ravenna: Longo Editore, 1997.
- FREUD, Sigmund. *The Uncanny (1919)*, in: SAGE, Victor (edit.). *The Gothick Novel*, London: The MacMillan Press LTD, 1992.

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*, São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*, São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GARDINER, Judith Kegan. *Elizabethan Psychology and Burton's Anatomy of Melancholy*, Journal of the History of Ideas, vol. 38, n. 3 (Jul.- Sep., 1977).
- GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA. *Discurso sobre a dignidade do homem*, Lisboa: Edições 70, 2006.
- GOMBRICH, Ernst Hans Josef, *A História da Arte*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.
- GOWLAND, Angus. *The Worlds of Renaissance Melancholy: Robert Burton in context*, Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*, São Paulo: Atual, 1986.
- HATTAWAY, Michael (edit.). *A companion to English Renaissance Literature and Culture*, Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2000.
- HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*, Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*, tradução de Renato Janine Ribeiro, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*, Braga: Ulisseia, 1996.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- KEARNEY, Hugh. *The British Isles – A History of Four Nations*, Cambridge: Syndicate of the University of Cambridge, 1995.
- KEATS, John. *The Poetical Works of John Keats – with a life*, Boston: Little, Brown & Company, 1863.
- KING, John N. *Traditions of Complaint and Satire*, in: A Companion to English Renaissance Literature and Culture, Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2000.
- KLIBANSKY, Raymond, PANOFSKY, Erwin e SAXL, Fritz. *Saturno y la Melancolia – Estudios de historia de la filosofía de la naturaleza, la religión y el arte*, versión española de Maria Luisa Balseiro, Madrid: Alianza Editorial, 1991.
- KRISTELLER, Paul Oskar. *Renaissance thought and its sources*, New York: Columbia University Press, 1979.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*, São Paulo: Ed. 34, 2000.
- MENEGUELLO, Cristina. *Da ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana*, São Paulo: Annablume, 2008.
- MILTON, John. *L'Allegro, Il Penseroso, Comus, and Lycidas*, ReadHowYouWant, 2006.
- MORE, Thomas. *Utopia*, translated by Ralph Robinson, New York: Oxford University Press, 1999.
- MORTON, A. L., *The English Utopia*, London: Lawrence & Wishart LTD, 1978.

Lopes, Juliana de Oliveira  
Robert Burton e a atemporalidade histórica como proposta utópica

- MUCCI, Clara. *Allegory*, in: *A companion to English Renaissance Literature and Culture*, Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2000.
- MUELLER, William R. *Anatomy of Robert Burton's England*, Los Angeles: Berkeley, 1952.
- MUELLER, William R. *Robert Burton's Satyricall Preface*, in: *Modern Language Quartely*, XV, 1954.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo – a anátema sobre o cristianismo*, Lisboa: Edições 70, SD.
- PANOFSKY, Erwin. *La vie et L'art D'Albrecht Dürer*, Hazan Collection: SD.
- PATRICK, John. Max. *Les Utopies a la Renaissance*, in: *Renaissance News*, vol. 8, n. 3 (autumn, 1965), pp. 223-225.
- PATRICK, John Max. *Robert Burton's Utopianism*, in: *Philological Quartely*, XVII, 1948.
- PRAZ, Mario. *Il Drama Elisabettiano*, Roma: Tipografia Dell'Università, SD.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*, coleção Editora Globo, 2006.
- PUTTENHAM, G. *The Art of English Poesie*, ed. Gladys D. Willcock and Alice Walker, Cambridge: Cambridge University Press, 1936.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- ROWSE, Alfred Leslie. *The Elizabethan Renaissance: the cultural achievement*, Chicago: Ivan R. Dee Publisher, 2000.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, São Paulo: Paulus, 2002.
- SCHLEINER, Winfried. *Melancholy, Genius and Utopia in the Renaissance*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1991.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*, New York: Washington Square Press, 1992.
- SHEILS, William J. *The English Reformation: 1530-1570*, London & New York: Longman, 1997.
- STAROBINSKI, Jean. Démocrite parle. L'utopie mélancolique de Robert Burton, in: *Le Débat. Histoire, politique et société*, n. 29, 1984.
- STAROBINSKI, Jean. *Le rire de Démocrite. Mélancolie et réflexion*, in: *Bulletin de la Société française de Philosophie*, n. 83 (1), pp. 1-32, 1989.
- TREVELYAN, G. M., *História Concisa da Inglaterra*, Publicações Europa-América, 1990.
- YATES, Frances. *A arte da memória*, Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- YATES, Frances, *Ideas and Ideals in the North European Renaissance*, London and New York: Routledge, 1999.
- YATES, Frances, *The Occult Philosohy in the Elizabethan Age*, London and New York: Routledge, 1999.

[Recebido em janeiro de 2009; aceito em abril de 2009.]